



**INSTITUTO TERTÚLIAS LIBRAS
BELO HORIZONTE – MINAS GERAIS
PESQUISA INDEPENDENTE
LINHA DE PESQUISA: ESCRITA DE SINAIS**

CARLOS CRISTIAN DE PAULO SILVA



**CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO DE
ESCRITA DE SINAIS PELO MÉTODO SIGNWRITING EM
UMA ESCOLA DE LIBRAS EM BELO HORIZONTE**

BELO HORIZONTE – MG

2024

CARLOS CRISTIAN DE PAULO SILVA

**CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO DE
ESCRITA DE SINAIS PELO MÉTODO SIGNWRITING EM
UMA ESCOLA DE LIBRAS EM BELO HORIZONTE**

Dissertação elaborada pelo Instituto Tertúlias Libras,
como memorando e registro de metodologia. Enviado
a Valerie Sutton (criadora do sistema SignWriting) e
anexado ao site www.signwriting.org

BELO HORIZONTE – MG

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Carlos Cristian de Paulo

Criação e implementação do curso de escrita de sinais pelo método Signwriting em uma escola de libras em Belo Horizonte [livro eletrônico] / Carlos Cristian de Paulo Silva. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG : Ed. do Autor, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-04550-4

1. Aprendizagem - Metodologia
2. Educação inclusiva
3. Língua Brasileira de Sinais
4. Pessoas com deficiência - Acessibilidade
5. Educação

24-210030

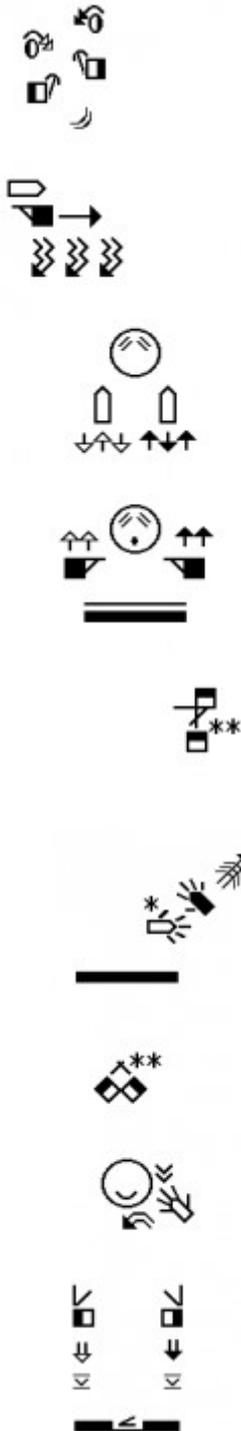
CDD-419

Índices para catálogo sistemático:

1. Libras : Língua brasileira de sinais 419

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

AGRADECIMENTOS



Uma palavra escrita é semelhante a uma pérola.
[\(Johann Goethe\)](#)

RESUMO

Em agosto de 2019, foi iniciado o primeiro curso de Escrita de Sinais pelo método SignWriting no Instituto Tertúlias Libras – localizado na Cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. O Instituto Tertúlias Libras ofereceu um curso intensivo de Escrita de Sinais para surdos e ouvintes bilingues. O objetivo da iniciativa foi introduzir os conceitos básicos da escrita de sinais, sua importância e perspectivas futuras nos profissionais surdos e ouvintes participantes. A turma contou com 12 estudantes, sendo 3 surdos e 9 ouvintes.

O curso iniciou na modalidade presencial separando os alunos surdos dos ouvintes para melhor aplicação metodológica, entretanto devido a pandemia causada pela COVID-19 migrou-se para a modalidade a distância e as aulas ministradas atenderam tanto os alunos surdos quanto os ouvintes.

Nos anos seguintes 2020, 2021 e 2022 novas turmas foram criadas mesclando surdos e ouvintes bilingues. Com a criação do material didático do curso (apostilas e vídeos).

Durante as aulas foram utilizados além do material interno da escola, materiais disponibilizados gratuitamente pelo site internacional do SignWriting: Apostilas e manual da escrita, Ebooks de histórias em Libras e imagens da literatura recorrente. Além disso, os alunos tiveram acesso a material disponibilizado no Youtube e publicações independentes de tirinhas e ilustrações que utilizam o SignWriting.

Em 2023 iniciou um novo projeto, levando o ensino da escrita de sinais para além da Instituição. Criando um curso online e gratuito pelo Youtube onde não mais a distância física ou diferença social monetária fosse impeditivo para o aprendizado e compartilhamento do método Sutton, SignWriting.

Neste artigo apresento como foi a criação, implementação e desenvolvimento das turmas juntamente com as mudanças de estratégias metodológicas e estratégias para clarificar ao público além da escola e expandir a escrita de sinais. Na esperança de que outros professores e pesquisadores possam utilizar estes dados para novas perspectivas, ideias e inspirações, melhorando e ampliando o ensino e divulgação da Escrita de Sinais no Brasil e no mundo.

Palavras- chave: Empreendedorismo, Gestão de Negócios, Escrita de Sinais, Metodologia de ensino, Didática Surda, Língua Brasileira de Sinais.

BREVE HISTORICO SOBRE A ESCRITA DE SINAIS

Ainda hoje existem pessoas que acreditam no mito que as Línguas de Sinais são ágrafas, isto é, que não se tem modalidade escrita. Entretanto existem inúmeros sistemas de escrita que possibilitam o registro total ou parcial de qualquer língua de sinais. O professor Roch Ambroise August Bébian (1789-1839) em Pinte-à-Pitre na época colônia francesa, em 1825 publicou o seu segundo livro que intitulou de “Mimographie, ou essai d’écriture mimique, propre à régulariser le langage des sourds-muets [Mimografia, ou ensaio de escrita da mímica, própria a regularizar a linguagem dos surdos-mudos].

Em que apresenta o seu sistema de notação comportando em torno de 190 caracteres (OVIEDO, 2009, p. 297), sendo assim o primeiro sistema de escrita de sinais conhecido na história dos surdos e das línguas de sinais. Na ocasião seu sistema pretendia escrever linearmente os sinais feitos na Língua de Sinais Francesa, conhecida como a sigla LSF, com a capacidade de registrar As Configurações de Mãos (já incluso a orientação da palma), pontos de articulação e Expressões faciais, chamado por ele de fisionomia, como nos relata Oviedo (2009, pp. 298, 299).

Esse fato histórico narrado por Oviedo e citado por Mendes (2020 pp. 31 a 34) revela-nos a existência secular de escrita de sinais. Fato este que influenciou tantos outros educadores da área a desenvolver novos sistemas de escrita.

Mendes (2020) em sua dissertação apresenta uma coletânea de diferentes métodos de Escrita par as línguas de sinais encontradas pelo mundo. Em sua dissertação foi catalogado 20 sistemas de escrita formal que são:

Notação Stokoe (William C. Stokoe em 1960) , **SignWriting** (Valerie Sutton em 1974), **HamNoSys** (Universidade de Hamburgo em 1984) , **SignFont** (Don Newkirk em 1987) , **Sistema D’sign** (Paul Jouison em 1990) , **Sistema ASL-Phabet** (Samuel Supalla, meados do ano 90), **Escrita Ferreira Brito-Langevin** (Lucinda Ferreira Brito em 1995), **Notação de Gestemas** (François-Xavier nève em 1996), **ASL Orthography** (Travis Low em 1997) , **SMYLE** (Maryline Pierrat Frappé em 1997) , **ELiS** (Mariângela Estelita Barros em 1998), **Visagrafia** (Jaime Hernández Gutiérrez em 2001) , **Sistema si5s** (Robert Arnold Augustu em 2003), **SLIPA** (David J. Peterson em 2005) , o **ASL Sign Jotting** (Thomas Stone em 2009) , **SEL** (Adriana S. C. Lessa-de-Oliveira em 2009) de **SignScript** (Donald A. Grushkin em 2010) , **ASLwrite** (Adrean Clark e Julia Dameron em 2011) e **VisoGrafia** (Claudio Alves Benassi em 2016).

Os dados das pesquisas de Oviedo(2009) e Mendes(2020) quebra portanto dois grandes mitos recorrentes: As línguas de sinais são ágrafas e o registro das línguas de sinais ser um evento recente.

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e historicamente de recém emersão, como nos diz Zeshan (2013a), sempre que há ajuntamento de surdos forma uma comunidade linguística, podendo ali mediante a necessidade surgir uma língua de sinais.

A conquista do reconhecimento linguístico se repete em vários países com semelhanças; primeiro é criada uma escola para surdos onde os surdos se reúnem e com isso desenvolve ou aprimora uma língua de sinais como nos trás a pesquisa de Cruz (2020 p.28), no segundo momento pesquisas acadêmicas revelam as propriedades da língua de sinais recém desenvolvida como ocorreu nos Estados Unidos pelo Willian Stokoe e no Brasil pela Lucinda Ferreira Brito. No terceiro momento há conquistas políticas através de criação de leis para viabilizar o direito de uso e reconhecimento social destas línguas de sinais.

Portanto é natural que enquanto engatinha o povo surdo rumo as conquistas linguísticas pela história, a escrita tenha tido menos atenção das grandes discussões. Entretanto diversos autores já revelam a importância da escrita para o desenvolvimento humano, de modo que Morais et al (1987) afirma que a habilidade de analisar a linguagem falada em fonemas resulta da aprendizagem da leitura e da escrita através de um sistema ortográfico e alfabético. Sendo assim o processo de ler e escrever inerente ao desenvolvimento humano e da sua formação cultural e social.

Colaborando com a defesa do uso da escrita de sinais podemos citar Quadros (1999: 54), quando nos diz que A “Alfabetização de crianças surdas, enquanto processo, (...) só faz sentido se acontece na LSB, a língua que deve ser usada na escola para a aquisição da língua, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a língua”. Não podemos nos furtar à realidade da educação de surdos em nosso país, onde estamos “reproduzindo iletrados em sinais (op. cit:56)”.

E é no meio a este contexto que o SignWriting chega no Brasil, tal como relatado por Quadros (1999) ao dizer que em 1996 “a PUC do RS em Porto Alegre através do Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa descobriu o SignWriting enquanto sistema escrito de sinais usado através do computador[...] O Dr. Rocha formou um grupo de trabalho envolvendo especialmente a Prof. Marianne Stumpf (surda) e a Prof. Marcia Borba.”

O SignWriting inesperadamente ganhou muita força no Brasil, e podemos atribuir este sucesso exponencial ao curso Letras-Libras que em 2006 foi inaugurado e já possuía na grade curricular do curso a Escrita de Sinais ministrado pela professora Marianne Stumpf utilizando o método Sutton (Quadros e Stumpf 2009).

Participou do Letras-Libras na primeira turma 500 alunos, 447 são surdos e 53 são ouvintes bilíngües, como nos mostra Quadros E Stumpf(2009). Em meio a estes alunos estudava Madson Barreto(ouvinte) e Raquel Barreto (Surda) quando ali então tiveram o primeiro contato com a Escrita de Sinais pelo método Sutton. Esse contato levo-os a pesquisar mais profundamente este método publicando mais tarde o livro “Escrita de Sinais Sem Mistérios” (Barreto e Barreto, 2015) que traduzia e simplificava as principais regras da escrita de sinais tornando acessível e democrático o saber da escrita.

No livro "Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro" de 2018, foi relatado uma pesquisa feita sobre variação linguística da Libras no Brasil, com 861 surdos de diferentes idades, religião, estados, etnias, grau de escolaridade e entre outros.

Foram entrevistados surdos que já têm algum contato com o mundo acadêmico ou com pessoas universitárias.

Dentro desta pesquisa, ao perguntar se os participantes sabiam da existência de uma escrita de sinais, a maioria declarou que já viram falar sobre pelo menos um dos sistemas de escrita. Entretanto 59% demonstraram não saber escrever e nem ler em nenhum dos dois sistemas. Enquanto 31% demonstraram algum grau de proficiência na escrita e leitura através do sistema SignWriting e 7% sabiam em algum nível escrever e ler através do sistema Elis.

O fato de 31% destes surdos saberem em algum nível escrever e ler pelo SignWriting é um bom número, considerando que o analfabetismo dos ouvintes do Brasil em 1900 era de quase 70%, sendo que a escrita do Português já existia há muito mais tempo, antes mesmo de 1500, em Portugal já utilizavam o português escrito. Então comparando com o SignWriting, que foi criado em 1974, considero que estamos avançando em passos largos na difusão, embora não pareça.

A problemática se estende no cenário atual quando reconhece a existência de múltiplos sistemas de escrita que facilitam o processo de letramento de indivíduos surdos, mas ao mesmo tempo há uma disparidade entre surdos e ouvintes. Conforme apontado por Street (2014, p. 123), que "as práticas letradas estão intrinsecamente ligadas a outras instituições sociais", sugerindo que um indivíduo pode possuir um repertório de letramento mesmo sem ter tido acesso formal à educação.

Contudo, essa premissa parece não se aplicar integralmente ao contexto dos surdos. Frequentemente, mesmo em ambiente escolar, os surdos não recebem letramento adequado nas suas línguas de sinais nativas, o que representa uma lacuna significativa no processo educacional destinado a essa comunidade.

É imperativo reconhecer que, apesar da disponibilidade de ferramentas de letramento para surdos e dos diversos sistemas de escrita de sinais, a aplicação prática desses recursos permanece insuficiente na contemporaneidade.

Esta realidade motivou a realização deste trabalho, com o propósito de fomentar uma mudança significativa nesse cenário. Assegurar que as estratégias de letramento sejam efetivamente implementadas e acessíveis à comunidade surda não é apenas uma questão de inclusão educacional, mas também um imperativo social que reafirma o direito de todos à comunicação e ao conhecimento. É com esperança e determinação que este estudo busca contribuir para a construção de um futuro onde o letramento dos surdos seja uma prioridade inquestionável e uma realidade tangível.

A INSTITUIÇÃO

O Instituto Tertúlias de Libras, transformado em instituição educacional em 10 de abril de 2015, destacando seu compromisso em manter-se dinâmico no ambiente educacional contemporâneo. Fundamentando-se nas proposições de Kother (2017) sobre a necessidade de instituições educacionais alinharem estrategicamente seus cursos às demandas dos alunos, a escola desenvolveu um método próprio para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), caracterizado por sua constante atualização a cada seis meses.

Seguindo a abordagem empreendedora proposta, a instituição concebeu um método de ensino de Libras, partindo do nível inicial até a fluência em um período de nove meses. Este processo, alinhado ao pensamento de Kother e de outros empreendedores, visa antecipar as demandas futuras do mercado, assegurando a relevância dos cursos oferecidos.

A presente pesquisa também incorpora as contribuições de Gerlach (1980) ao considerar materiais didáticos como elementos essenciais na metodologia de ensino. Nesse sentido, a escola adota apostilas, livros e vídeos como componentes fundamentais, reconhecendo seu papel não apenas na transmissão de informações, mas também na configuração do ambiente de aprendizagem. A variedade desses recursos atende à diversidade de estilos de aprendizagem, enriquecendo a experiência educacional e promovendo uma compreensão profunda e duradoura.

O curso de Aquisição de Fluência em Libras, principal oferta da instituição, é estruturado em torno de uma apostila que orienta todo o processo de ensino. A implementação da Escrita de Sinais, através do método SignWriting, reflete o compromisso da instituição em integrar inovações pedagógicas em sua abordagem educacional, traduzindo gradualmente a apostila diretamente para Libras na modalidade escrita.

Todos os professores da instituição passam semanalmente por um treinamento interno para se desenvolvendo metodologicamente e se apropriando cada vez mais do saber, possa transmitir o saber com segurança e consciência do objetivo de sua atuação. Isso vai de encontro com uma fala de FREIRE (1996):

“ [...]Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar.”

Entre os anos de 2018 e 2022, a instituição ampliou sua oferta para três categorias de cursos: Aquisição de Fluência em Libras, Tradução e Interpretação em Libras, e Escrita de Sinais. Cada curso foi direcionado a diferentes públicos, atendendo às necessidades específicas de aprendizes novos, profissionais em busca de especialização e aqueles interessados na escrita de sinais.

O curso de Aquisição de Fluência em Libras visa atender aqueles que não possuem conhecimento prévio da língua. Já o Curso de Tradução e Interpretação foi concebido para indivíduos que desejam se profissionalizar,

proporcionando-lhes as habilidades necessárias para atuar como intérpretes de nível básico e orientando-os em suas trajetórias acadêmicas e profissionais futuras.

Por fim, o Curso de Escrita de Sinais enfrentou desafios significativos devido à novidade do tema no Brasil, resultando em resistência inicial à matrícula. A instituição lançou uma campanha de conscientização para destacar a importância da escrita de sinais, modificando ao longo do tempo os requisitos de entrada para refletir diferentes abordagens e metrificar resultados diversos, desde a exigência inicial de comunicação em Libras até a fluência absoluta. Este ajuste visa adaptar-se dinamicamente às demandas do público-alvo e contribuir para a evolução contínua do ensino de Libras no contexto educacional brasileiro.

Segundo ABRUCIO (2013) quando se cria um novo curso, todos os setores de uma escola de alguma forma, mais ou menos se envolve nessa criação e implementação.

“A gestão escolar é um processo complexo e multidimensional, que envolve diferentes dimensões: pedagógica, administrativa, financeira, política e comunitária. Cada uma dessas dimensões tem seus próprios objetivos, desafios, instrumentos e atores, que precisam ser articulados de forma coerente e integrada para garantir a qualidade da educação”. (ABRUCIO, 2013, p.13)

No âmbito do Instituto Tertúlias de Libras, contextualizado dentro do cenário de pesquisa, notava-se sua condição enquanto uma instituição de ensino de pequeno porte, ainda em fase de consolidação em diversos aspectos organizacionais. Embora não todos, os três principais pilares estruturais já estavam estabelecidos: o Setor Pedagógico, o Setor da Secretaria e o Setor Comercial ou de Marketing. É amplamente reconhecido que a ausência desses três pilares inviabilizaria o funcionamento eficaz de qualquer instituição educacional.

No Setor Pedagógico, são levantadas questões pertinentes ao Projeto Pedagógico do Curso (PPC), tais como: "Quem será responsável por ministrar essa disciplina?" "Qual será o cronograma do curso?" "Que materiais didáticos e recursos de apoio serão utilizados?" "Deveríamos desenvolver nosso próprio material?" e "Qual abordagem metodológica será selecionada?"

Para além das funções citadas, nos recobra OLIVEIRA (2012), que *“O Setor pedagógico é o responsável por planejar, organizar, acompanhar e avaliar as ações educativas da escola, em consonância com o PPP. O coordenador pedagógico é o profissional que lidera esse setor, articulando os diferentes seguimentos da comunidade escolar (direção, professor, alunos, pais e funcionários) e promovendo a formação continuada dos docentes.”*

O Setor da Secretaria, por sua vez, concentra-se em questões como: "Quantas horas compreenderá o curso?" "Quais critérios serão estabelecidos para a matrícula dos alunos?" "Como será feito o registro dos certificados emitidos?" e "Qual sala e horário serão alocados para este curso?"

SILVA (2016), em seu artigo “Uma Abordagem contemporânea do secretariado escolar da educação básica” discute “[...] a importância do secretariado escolar como um cogestor da administração escolar”.

Já o Setor Comercial e de Marketing, durante a etapa de venda, direciona suas atenções para questões como: "Para qual público-alvo este curso se destina?" "Quais são as objeções mais comuns encontradas neste nicho?" "Qual será o preço estabelecido para o curso?" "Quais são os procedimentos para efetuar a matrícula?" e "Existem concorrentes diretos neste segmento?"

SOUZA (2018) explica em seu artigo “A Gestão Comercial em escolas privadas: um estudo de caso” que: “O setor comercial é fundamental para a sobrevivência e o crescimento de uma escola privada, pois é responsável por atrair, conquistar e manter os alunos, que são a fonte de receita da instituição. Para isso, o setor comercial deve planejar e executar ações de marketing, vendas e atendimento, buscando satisfazer as necessidades e expectativas dos clientes e diferenciar-se da concorrência”

A trajetória do Instituto Tertúlias de Libras, desde sua transformação em instituição educacional em 2015, ilustra um compromisso inabalável com a inovação e a excelência no ensino da Língua Brasileira de Sinais. A adoção de uma metodologia de ensino que se atualiza semestralmente e a implementação de cursos estruturados para atender a uma gama diversificada de necessidades educacionais refletem uma abordagem dinâmica e proativa diante das demandas do mercado educacional.

A integração de materiais didáticos variados e a implementação do método SignWriting são testemunhos do esforço contínuo da instituição em aprimorar a experiência de aprendizagem e em incorporar práticas pedagógicas inovadoras. A expansão do portfólio de cursos entre 2018 e 2022, com foco na fluência, tradução, interpretação e escrita de sinais, demonstra uma resposta estratégica às necessidades emergentes dos alunos e do mercado de trabalho.

A análise da gestão escolar, conforme discutida por Abrucio (2013), e a observação dos desafios enfrentados pelo Instituto Tertúlias de Libras, revelam a complexidade inerente à criação e implementação de novos cursos. A consolidação dos três pilares estruturais – pedagógico, secretarial e comercial – é essencial para o sucesso e eficácia de qualquer instituição educacional. O Instituto Tertúlias de Libras exemplifica essa necessidade através de sua estrutura organizacional e de sua capacidade de adaptação e inovação.

Em suma, o Instituto Tertúlias de Libras não apenas se estabeleceu como uma referência no ensino de Libras, mas também como um modelo de gestão educacional adaptativa e integrada. A instituição continua a evoluir, antecipando e moldando o futuro do ensino de Libras no Brasil, garantindo assim sua relevância e contribuindo significativamente para a inclusão e o empoderamento da comunidade surda.

PRIMEIRA TURMA 2019

No mês de agosto de 2019, o Professor Carlos Cristian introduziu o tema da Escrita de Sinais em um curso de tradução e interpretação, realizado em uma turma híbrida bilíngue composta por surdos e ouvintes, provenientes do curso de Aquisição de Fluência.

Anteriormente, a instituição não adotava o formato híbrido entre surdos e ouvintes para o curso de tradução e interpretação, uma vez que o currículo do curso foi originalmente concebido para atender apenas aos ouvintes. Entretanto, naquele ano, cinco alunos surdos ingressaram no curso, o que levou a instituição a aceitá-los, enfrentando o desafio de adaptar as aulas e atividades.

Durante o curso de tradução e interpretação, duas atividades principais foram realizadas: tradução do Português para Libras (através da audição de um texto, leitura com fones de ouvido ou leitura em papel) e tradução de Libras para Português (observando um aluno surdo sinalizando e interpretando para o Português oral).

Com a inclusão dos alunos surdos, essas atividades precisaram ser ajustadas. Nas atividades de tradução para o Português, os alunos surdos não podiam mais depender da modalidade de áudio, podendo apenas recorrer a textos escritos ou vídeos legendados (a partir da metade do curso). Já nas atividades de tradução de Libras para o Português, os alunos surdos tiveram duas opções: traduzir para o Português escrito ou realizar uma tradução intramodal, convertendo o vídeo de Libras para outro nível linguístico da própria Libras.

Na turma, havia dois graduados em Pedagogia e um estudante de Letras, os quais, ao perceberem as adaptações nas atividades, questionaram durante as aulas sobre outras possíveis formas de adaptação ou as justificativas teóricas e metodológicas por trás delas. Esses questionamentos resultaram em discussões significativas sobre o bilinguismo durante as aulas.

Ao traduzirem vídeos em Libras para o Português escrito, os alunos surdos utilizavam o Português como Segunda Língua, apresentando erros gramaticais ou dificuldades de elaboração textual semelhantes às de alunos ouvintes do 5º ano, apesar de serem adultos e muitos terem concluído o ensino superior. Essa dificuldade em produzir textos simples em Português reflete uma lacuna no sistema educacional voltado para surdos, onde muitos não foram devidamente acompanhados por professores com conhecimento em bilinguismo para surdos.

Na correção textual de textos produzidos por surdos, é prática considerar o Português como Segunda Língua e não descontar pontos por erros gramaticais, mas sim focar na coerência da argumentação ou na capacidade de elaboração.

É fundamental considerar que, para ser um tradutor/intérprete competente, é necessário possuir fluência nas duas línguas envolvidas na intermediação. No entanto, percebeu-se que muitos alunos surdos, mesmo com conhecimento básico ou intermediário de Português, não atingiam o nível mínimo necessário para discutir os procedimentos de tradução em suas produções textuais. O foco principal era, portanto, corrigir os textos visando o desenvolvimento da fluência desses alunos.

Dentro dessas dificuldades, os demais alunos ouvintes, especialmente aqueles formados em Pedagogia ou estudantes de licenciatura, questionavam as razões pelas quais os alunos surdos enfrentavam tantas dificuldades na produção textual.

Essas dificuldades de produção textual incluíam: desconhecimento de palavras em Português correspondentes aos sinais em Libras, uso de palavras inadequadas para sinais do mesmo grupo semântico (como utilizar "chapéu" para o sinal de "coroa"), falta de concordância verbal adequada, erros sintáticos ou estilísticos, ausência de preposições ou conjunções e uso incorreto de artigos e preposições.

Alguns alunos surdos, ao produzirem textos, simplesmente listavam as palavras na mesma ordem em que os sinais eram feitos no vídeo, dando a impressão de uma glosa ou transliteração. Isso levou à necessidade de explicar a diferença entre anotação de glosa, transliteração e transcrição.

Ao definir o conceito de cada um dos termos, os alunos (surdos e ouvintes) puderam perceber que alguns dos alunos surdos estavam fazendo, na verdade, uma transliteração.

Tradução é o processo de converter o conteúdo de um idioma para outro, levando em consideração aspectos como gramática, coesão, coerência, contexto e cultura. O objetivo da tradução é encontrar palavras que transmitam um significado equivalente no idioma de destino, sem se ater à literalidade.

No caso dos alunos surdos que, devido às deficiências do sistema educacional para surdos, aprenderam cada palavra em português para os sinais correspondentes e agora, ao realizar atividades, simplesmente anotam palavra por palavra conforme veem no vídeo, estão realizando uma forma de transliteração. Nesse processo, não há adaptação contextual, adequação sintática para a língua portuguesa ou outras preocupações gramaticais, apenas a associação direta entre o "nome do sinal" e a palavra correspondente.

“O nome do sinal” seria a tradução direta “palavra por palavra” que eles conhecem para aquele sinal. Devido a falta do bilinguismo coerente, estes aprendem que existe “nome para cada sinal”.

Após a explicação dos termos tradução e transliteração, alguns alunos ouvintes, principalmente os acadêmicos, questionaram se não poderia ser considerado transcrição. Isso evidenciou um antigo estigma de que Libras e português são a mesma língua, apenas em modalidades diferentes, reforçado inocentemente pelos alunos ouvintes. Também mostrou que esses alunos não estavam completamente familiarizados com a definição de transcrição.

Transcrição, por sua vez, é a representação de um conteúdo oral em forma escrita, utilizando o mesmo idioma. Esse processo é intralingual e é utilizado para registrar diálogos, entrevistas, discursos, músicas, entre outros. Em um contexto de línguas de sinais, o transcritor converte diretamente para Libras o que foi sinalizado.

A discussão sobre esses conceitos levantou questões adicionais, como a possibilidade de escrever diretamente em Libras e a existência de sistemas de escrita para línguas de sinais. Esses questionamentos serviram de base para uma investigação posterior na escola sobre a viabilidade de criar um curso específico de escrita de sinais.

SEGUNDA TURMA - 2020

No ano seguinte, em 2020, o Instituto Tertúlias de Libras decidiu lançar o curso de escrita de sinais utilizando o método Sutton, conhecido como SignWriting. Os desafios inerentes ao lançamento de um novo produto revelam-se a cada etapa do processo.

Quando se trata de uma instituição privada, é importante considerar que nem sempre é possível implementar plenamente os ideais sociais de forma direta. No contexto do sistema capitalista, todos os projetos devem ser viáveis economicamente, garantindo sua própria sustentabilidade. Um projeto que não é auto-sustentável pode resultar na realocação de recursos de outras áreas mais rentáveis, o que representa um desafio adicional para a viabilidade do novo empreendimento.

Entretanto, a preocupação da instituição vai além da viabilidade financeira. Todos os setores envolvidos na criação e implementação do curso enfrentam diversos desafios, cujas respostas são essenciais para o início do projeto. Por isso, é solicitada uma análise e feedback de cada setor envolvido.

Feedback do Setor Pedagógico:

O professor Carlos Cristian foi designado para ministrar o curso e desenvolver todo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). No ano de 2020, o conhecimento do professor sobre SignWriting era básico. Portanto, o cronograma do curso foi elaborado com foco na introdução do sistema de escrita. Ao longo de vinte aulas, estava prevista a apresentação da história da criação do sistema, a representação gráfica dos parâmetros (como configuração de mão, ponto de articulação, direção, orientação da palma e expressão facial) e as dinâmicas de contato básicas.

Desde sua fundação, o Instituto Tertúlias de Libras nunca utilizou materiais didáticos de terceiros. Em todos os cursos oferecidos pela instituição, o material era desenvolvido internamente, por meio de apostilas ou livros. No entanto, devido ao prazo apertado para o início das aulas do curso de SignWriting, não houve tempo hábil para a criação desses materiais. Como alternativa, as aulas foram ministradas diretamente no quadro, e os alunos foram orientados a fazer suas próprias anotações. Para apoio didático, foi recomendado o uso do Dicionário Capovilla, que apresenta os sinais escritos em SignWriting, juntamente com suas palavras correspondentes em português, e o site Signwriting.org, que oferece uma variedade de materiais gratuitos. Além disso, era necessário testar a ordem do conteúdo estabelecido no cronograma para validar se a metodologia adotada permitia que os alunos desenvolvessem, mesmo que basicamente, habilidades de leitura e escrita ao final do curso.

Feedback do Setor da Secretaria:

Ficou estabelecido que o curso teria uma carga horária total de 60 horas, divididas em 20 aulas de 3 horas cada. Para garantir a qualidade do curso, foi decidido que apenas alunos fluentes em Libras poderiam participar. Dessa forma, foram inicialmente convidados alunos que já haviam concluído o curso de Aquisição de Fluência, alunos formados no curso de tradução e interpretação (especialmente aqueles que participaram das discussões sobre tradução, transliteração e transcrição no ano anterior) e alunos do curso de tradução que ainda estavam em formação naquele ano.

A turma foi dividida em dois grupos: ouvintes e surdos. Os ouvintes teriam aulas às quintas-feiras à noite, enquanto os surdos teriam aulas às terças-feiras à tarde. Apesar

da separação, ambos os grupos seguiriam o mesmo cronograma, participariam do mesmo grupo no WhatsApp e teriam algumas atividades de interação entre si.

É importante destacar que os três alunos surdos dessa turma eram colaboradores da escola, sendo que dois deles possuíam ensino superior e um possuía formação no ensino médio.

Feedback do setor comercial e marketing:

O setor pedagógico definiu que o curso seria destinado a pessoas fluentes em Libras, excluindo os iniciantes nessa língua. Como as aulas seriam 100% em Libras, uma pessoa que não dominasse essa língua não poderia acompanhar o curso. O público-alvo ideal seria composto majoritariamente por surdos, pois a escrita de sinais é mais vantajosa para esse grupo. O plano inicial era oferecer 10 vagas gratuitas para surdos e 5 vagas pagas para ouvintes, com mensalidade de 100 reais.

No ano de 2020, não havia concorrência da escola nesse produto. Não existia nenhuma outra escola de Libras para ouvintes em Minas Gerais que oferecesse esse curso. Outras duas instituições próximas já haviam realizado oficinas ou minicursos de escrita de sinais, mas de forma esporádica e sem integrar ao currículo da instituição. Inclusive, em uma dessas instituições, quem ministrou a oficina foi o Madson Barreto e sua esposa Raquel Barreto, autores do livro "Escrita de Sinais sem Mistério".

A ausência de concorrência poderia ser interpretada de duas formas no âmbito do empreendedorismo. Por um lado, isso seria um ponto positivo; sendo pioneira, a escola poderia divulgar essa informação, aumentando a credibilidade e a autoridade da instituição. A escola poderia se intitular como "a primeira escola de Libras a oferecer o curso completo de escrita de sinais". Por outro lado, isso implicaria uma maior dificuldade para divulgar o curso e atrair alunos, pois não havia demanda. A escola precisaria fazer um trabalho de divulgação para despertar o interesse e, posteriormente, gerar a demanda.

Durante a etapa de divulgação, na tentativa de gerar interesse e demanda, enfrentamos muitas objeções. As 5 principais objeções eram:

1. Para que aprender a escrita de sinais?
2. Quando irei usar a escrita de sinais?
3. Se ninguém usa ainda, para que devo aprender?
4. Só devo aprender a escrita de sinais se já souber tudo da Libras sinalizada, certo?
5. Existe mercado de trabalho para quem sabe a escrita de sinais?

Diante das objeções, foram produzidos vídeos explicando um pouco mais sobre a utilidade da escrita de sinais.

Quando uma pessoa surda aprende a escrita de sinais e começa a usá-la no dia a dia, ela experimenta um poder de libertação. Aquele que antes dependia apenas do recurso de gravação de vídeo para registrar seus pensamentos e histórias em sua primeira língua, agora pode fazê-lo de forma escrita, ampliando suas possibilidades de expressão. Mas aprender a escrita de sinais, para os surdos, vai além disso. Quando um surdo aprende a escrita de sinais, ele faz reflexões metalinguísticas sobre a própria língua. Ele passa a observar mais a própria mão e a refletir sobre os níveis linguísticos de sua comunicação. Surdos que misturam a fonologia do português com a fonologia

de Libras, por exemplo, podem começar a questionar a escolha dos sinais ou a falta de alguns sinais quando na comunicação parte se transfere para a língua oral, através do bimodalismo ou da labialização. Portanto, quando se pergunta "para que aprender a escrita de sinais?", deveria-se perguntar primeiro "por que existe a escrita?" ou "por que escrever continua sendo importante?".

Uma pessoa ouvinte, quando está em processo de aprendizado da Libras, pode se beneficiar muito da escrita de sinais. Pois, através da escrita, o mesmo processo metalinguístico também ocorre no cérebro da pessoa ouvinte. Da mesma forma, após aprender a escrita de sinais, a pessoa ouvinte que já sabe língua de sinais pode produzir textos para si ou para outros.

Além disso, escrever uma língua é um dos pilares da fluência e que se torna necessário ao bilinguismo pleno.

Toda língua desenvolvida tem 4 pilares:

1. Compreender a fala/sinalização.
2. Conseguir se expressar naquele idioma.
3. Escrever naquele idioma.
4. Ler e entender a escrita naquele idioma.

Portanto, para uma pessoa surda ou ouvinte afirmar que é 100% bilíngue, ela precisaria saber escrever e ler nas duas línguas envolvidas, e não apenas saber se expressar e entender.

Uma pessoa que aprende a escrita de sinais pode fazer inúmeras coisas, são infinitas possibilidades e atualmente não conhecemos nem a metade, pois só vamos descobrindo essas coisas depois de já ter o poder da escrita em nossas mãos.

Uma pessoa surda que sabe a escrita de sinais pode fazer anotações pessoais, registrar histórias reais ou imaginárias, planejar o futuro, escrever poemas e produzir dos mais diversos gêneros literários.

Uma pessoa ouvinte que sabe a escrita de sinais, além de fazer tudo que os surdos podem fazer com a escrita, ainda pode usá-la para desenvolver o seu aprendizado da Libras.

Isso significa que qualquer sinal novo que for aprender pode escrever para memorizar com mais facilidade. Isso também possibilita a criação de dicionários e glossários direto em Libras, que por sua vez já dá uma independência maior no processo de aprendizagem.

Agora imagine uma situação em que você queria aprender uma outra língua de sinais, diferente da sua mais usual?

Você pode simplesmente acessar o banco de dados disponível no Signpuddle e aprender com muito mais rapidez.

Agora imagine um intérprete que vai ter que fazer uma tradução ou interpretação em uma área ou contexto muito específico, com muitos sinais técnicos diferentes do seu vocabulário habitual?

Com a escrita de sinais, ele pode escrever todos os sinais e deixar ali por perto para, na hora da tradução, quando der aquele branco, ele ter o sinal escrito para simplesmente ler como se pronuncia em língua de sinais e ganhar mais controle da própria interpretação.

E isso é apenas a ponta do iceberg, pois muito mais possibilidades existem.

Para aqueles que acreditam que precisam saber tudo primeiro da língua de sinais na modalidade sinalizada antes de aprender a escrita, precisam compreender dois pontos antes de prosseguir.

Primeiro, ninguém sabe tudo de uma língua. Nem mesmo os surdos que usam Libras desde pequenos sabem tudo de Libras. Para falar a verdade, na conjuntura atual da educação dos surdos, muitos não sabem nem 50% do que deveriam saber se a educação estivesse de fato privilegiando o ensino e a aprendizagem das línguas de sinais.

O segundo ponto é que é muito comum no aprendizado de uma língua estrangeira aprender a fala e a escrita simultaneamente. Se aqui no Brasil você entra em qualquer escola de inglês, você tem a maior chance de encontrar uma apostila onde os alunos aprendem a escrever, ler e falar o inglês ao mesmo tempo.

Então, por que achar que para as línguas de sinais seria diferente?

Por que não considerar que a escrita de sinais pode ser um dos fatores fundamentais para aprender a Libras de maneira coesa? Faça essa pergunta retoricamente.

Devido ao sistema capitalista, algumas pessoas se sentem pressionadas a entregar sempre algum resultado financeiro em todas as suas atitudes. Então, quando se trata de estudar algum assunto novo, as pessoas ao redor já querem logo saber o quanto vamos ganhar depois de nos formarmos naquela matéria. Ou seja, é como se o único propósito de estudar fosse para ganhar mais dinheiro e não pelo simples amor ao conhecimento.

Mas, para acalmar esse grupo, mostramos que a FEBRAPILS tem na tabela de honorários dos tradutores intérpretes de Libras uma parte só sobre a tradução escrita. Mostrando o quanto deve ser cobrado por quantidade de sinais escritos.

Porém, é visto dentro da comunidade surda que aqueles que sabem a escrita de sinais faturam monetariamente muito mais do que nessa tabela consta.

Ao iniciar a turma em fevereiro de 2020, o cronograma seguia normalmente, com alunos surdos no período da tarde e alunos ouvintes no período da noite, porém utilizando o mesmo grupo do WhatsApp para troca de informações, atividades e tirar dúvidas.

Um mês e meio depois, todo o cenário mudou.

No dia 20 de março de 2020, Belo Horizonte viu suas portas se fecharem em uma medida drástica contra um inimigo invisível. Comércio, escolas e locais de encontro foram silenciados pela necessidade de isolamento. A pandemia de COVID-19, causada pelo novo coronavírus, trouxe consigo uma crise de saúde global sem precedentes. Originada em Wuhan, China, no final de 2019, ela se espalhou rapidamente pelo mundo, levando a Organização Mundial da Saúde a declará-la uma pandemia em março de 2020. O vírus, altamente contagioso, forçou países a adotarem lockdowns, impactando a economia global, o sistema de saúde e a vida cotidiana das pessoas.

As escolas da rede pública ou privada se viram obrigadas a paralisar as atividades presenciais.

Em pouco tempo, todas as instituições de ensino se viram forçadas a adotar um modelo online de ensino ou remoto.

No Instituto Tertúlias de Libras não foi diferente. Depois de 2 semanas sem aulas, a escola entrou em um debate sobre como adaptar todo o cronograma do curso para aulas remotas.

Durante a pandemia, a população elevou o nível de estresse e cansaço e isso afetou significativamente as relações interpessoais e a capacidade de solução de problemas.

Sem tempo para se adaptar e com inúmeros problemas a serem resolvidos, o cronograma inicial do curso de ensinar a registrar todos os parâmetros linguísticos de forma sistematizada se viu ameaçado. A solução encontrada foi adaptar as aulas para leitura em conjunto de livros que foram escritos em Libras pelo sistema SignWriting.

O material mais usado foi "11 Lendas Amazônicas e um segredo" disponível no signwriting.org, onde nas aulas era feita a leitura das histórias, aproveitando o próprio texto para ir explicando grafema por grafema.

Dessa forma, os alunos continuavam motivados a aprender a escrita, pois queriam entender as frases escritas e o restante da história.

Quando as aulas passaram a ser por vídeo, na modalidade remota, unificou-se os dois grupos: surdos e ouvintes. Porque não eram feitas duas aulas separadas, a mesma aula, o mesmo vídeo servia para os dois grupos.

No material citado, que era usado para o aprendizado a partir dele, embora muito rico nas adaptações culturais, em volume de páginas e ilustrações para favorecer o ensino aos surdos, continha dois pequenos problemas. A gramática da sinalização não era coerente com a gramática da Libras. Algumas partes pareciam ter sido feitas tradução palavra por palavra, ao invés de adaptações gramaticais para a estrutura da Libras.

Para elucidar a crítica acima, em Libras, a negação de uma ação é feita pela expressão facial enquanto se sinaliza.

Um exemplo disso seria a expressão "não pode", que em Libras já tem um único sinal para representar "poder-não". Entretanto, em algumas partes do material, continuava a escrita do sinal "PODER" seguido do sinal "NÃO". Tornando a frase agramatical.

Além dos erros de concordância, a maior falha era sintática. A sintaxe do texto era semelhante à do português, ignorando que em Libras a estrutura é diferente.

A outra falha do material se tratava do acordo ortográfico.

Muitas regras ortográficas foram negligenciadas durante a produção do material e possivelmente isso aconteceu porque a discussão desses acordos ocorria em inglês ao redor do mundo.

Um exemplo disso é que, pelo acordo ortográfico, não colocamos o grafema tocar (*) entre o ponto de articulação e a configuração de mãos. O ideal era colocar as configurações de mãos já encostadas ou mais próximas possíveis do ponto de articulação e colocar o grafema dinâmica de contato tocar (*) próximo, e não entre ou em cima do ponto de articulação do sinal.

Então, as aulas aproveitavam o momento de leitura para aprofundar na gramática da Libras, através das correções do material usado.

Assim, foi escolhida uma história como trabalho final do curso, onde os alunos tinham que fazer a correção sozinhos, descrevendo a história, corrigindo a ortografia e a gramática do texto.

Em julho de 2020, a escola começou a retornar pouco a pouco as atividades presenciais. Embora ainda não fosse o momento ideal para retomar as aglomerações devido ao alto risco de contágio do vírus e à falta de vacina, a escola se viu forçada a tomar essa atitude, pois a maioria dos alunos não estava conseguindo se adaptar ao modelo remoto de aulas. A alta taxa de evasão da escola, de quase 300 alunos para 38 alunos, forçou a escola a tomar a medida de retorno de aulas presenciais com tempo reduzido.

O curso de escrita de sinais retornou com menos alunos do que o começo, mas os poucos que ficaram conseguiram se formar.

NÍVEL DE APROVEITAMENTO:

Os estudantes que concluíram o curso exibiram um nível de conhecimento em escrita de sinais que superou o dos formandos em Letras Libras. Contudo, esse conhecimento ainda não se mostrou suficiente para a produção autônoma de materiais ou anotações pessoais utilizando a escrita de sinais.

Luria (1988) pontua que, a princípio, no início da alfabetização, “[...] o sujeito se relaciona com coisas escritas sem compreender o significado da escrita, ou seja, ainda não entende a escrita como leitura em si”. Dessa forma, mesmo ao ter contato com a escrita e a leitura, no início do processo de alfabetização o educando ainda não domina a língua escrita de maneira adequada. Portanto, esse atraso e dificuldade de alfabetização de surdos que enfrentamos atualmente está segundo um padrão social comum, mas que podemos vencer mais adiante.

O legado mais significativo da turma inicial foi a propagação do conhecimento sobre o sistema Sutton SignWriting. Essa disseminação de informações funcionou como sementes que têm o potencial de germinar e prosperar futuramente.

No mesmo ano, o canal “Sinais Diários de Libras” no YouTube, que opera como um dicionário online gratuito de Libras, começou a incluir a versão escrita dos sinais nos vídeos publicados diariamente. Esse avanço elevou a difusão da escrita de sinais a um novo patamar no Brasil, permitindo que pessoas que nunca haviam sido expostas a essa forma de escrita pudessem testemunhá-la em uso prático.

Ficou evidente que o papel do Instituto Tertúlias de Libras na promoção da escrita de sinais transcende suas fronteiras físicas. Ao contrário, a instituição desempenha um papel crucial na expansão do conhecimento sobre a escrita de sinais, tanto em âmbito nacional quanto internacional, pavimentando um vasto campo de trabalho por meio de sua ampla difusão.

TERCEIRA TURMA – 2021

No ano de 2021, foi elaborado a terceira turma de SignWriting da escola. Dessa vez, os desafios da turma anterior já amortecidos pela experiência, favoreceu uma divulgação maior do projeto.

O Marketing não encontrava mais grandes desafios na divulgação, pois em 2021 a divulgação sobre a escrita de sinais já estava mais frequente e os próprios alunos da escola perguntavam sobre quando teríamos novas turmas.

O fato do canal do Youtube “Sinais Diários de Libras” postar os vídeos com a escrita de sinais, já gerava perguntas sobre o sistema de escrita que era respondidas semanalmente, já fazendo o pré-lançamento do curso que viria no ano posterior.

O setor da secretaria agora introduziu um sistema de gestão escolar, um portal onde muitos dos processos poderiam ser automatizados, diminuindo o trabalho manual sobra tempo para focar nas matrículas e organização das etapas de ingresso dos novos alunos.

O setor pedagógico não precisava desenhar o PPC do zero, pois boa parte dos elementos poderia ser reaproveitados. Sendo o mesmo professor, o único desafio agora era estabelecer o novo cronograma do curso e quais abordagens metodológicas iriam permanecer ou serem trocadas.

Porém nessa turma além de 2 alunos surdos brasileiros, tivemos 1 aluno surdo estrangeiro.

Os 2 alunos surdos brasileiros; uma professora de Libras e um Instrutor de Libras, já apresentavam níveis diferentes de sinalização, que por si já iria exigir de mim, enquanto professor, adaptações linguísticas. Porém com a participação de um surdo que nasceu e cresceu no Egito e que estavam no Brasil a menos de 3 anos, o desafio era muito maior.

O estudante surdo de origem Egípcia, em processo de aprendizado do básico da Libras, comunicava-se primariamente através de Sinais Internacionais e da Língua Gestual Egípcia. O professor Carlos Cristian, com conhecimento intermediário em Sinais Internacionais e sem familiaridade com a Língua Gestual Egípcia, enfrentou o desafio de planejar aulas que fossem acessíveis ao aluno.

Para superar as barreiras linguísticas, as aulas foram estruturadas com ênfase no uso de imagens e na repetição das informações em dois idiomas de sinais.

A necessidade de apresentar cada novo tópico em Sinais Internacionais e em Libras levou ao uso intensivo de classificadores, uma vez que, teoricamente, ambos os grupos de alunos poderiam compreender o conteúdo com o apoio de recursos intersemióticos.

A língua árabe emergiu como outro meio de comunicação adaptativo. O aluno egípcio, utilizando o árabe escrito com erros de sintaxe similares aos encontrados no uso do português por surdos brasileiros, beneficiou-se da

inclusão de exemplos em árabe durante as comparações fonológicas entre o português e a Libras. O Google Tradutor provou ser uma ferramenta valiosa nesse contexto.

Com base na experiência adquirida com a turma anterior, o planejamento didático passou a incorporar a escrita de sinais seguindo a ordem dos parâmetros linguísticos das línguas de sinais: Configuração de Mãos, Movimento, Ponto de Articulação, Orientação da Palma, Direção do sinal, Arranjo de Mãos, Expressão Facial e Expressão Corporal. O cronograma estabelecido refletiu essa abordagem estruturada.

CRONOGRAMA CURRÍCULAR

AULA 1 – HISTÓRIA DA ESCRITA NO MUNDO: LÍNGUAS ORAIS E LÍNGUAS DE SINAIS

A primeira aula teve como foco principal a história da escrita, visando proporcionar aos estudantes uma compreensão ampla sobre a importância da escrita nas sociedades. Abordou-se a evolução histórica dos sistemas de escrita e a diversidade existente tanto no mundo dos ouvintes quanto no dos surdos. Desmistificou-se a noção de que o alfabeto romano latino é o único meio adequado para registrar línguas orais e de sinais, expandindo a perspectiva dos alunos, especialmente dos surdos, sobre a variedade de sistemas de escrita disponíveis.

AULA 2 - INTRODUÇÃO ÀS CONFIGURAÇÕES DE MÃOS E ORIENTAÇÃO DE MÃO NA ESCRITA DE SINAIS

Na segunda aula, os alunos foram introduzidos à lógica do registro das configurações de mãos por meio do sistema Sutton SignWriting. Foi explicado didaticamente que as orientações básicas, como “S”, “O” e “ESPALMADO”, funcionam como vogais dentro do sistema, sendo a base para outras configurações de mão. A aula também destacou que o número de vogais pode variar entre as línguas, não se limitando a cinco como no português. A sessão aproveitou para demonstrar as diferentes orientações de mãos e como são registradas na escrita.

AULA 3 - REVISÃO DE ORIENTAÇÃO E CONFIGURAÇÃO DE MÃO - INTRODUÇÃO À DIREÇÃO E ARRANJO DE MÃOS

A terceira aula introduziu a escrita de setas, concentrando-se nas formas mais básicas: para cima, para baixo, para os lados, para dentro, para fora e diagonais simples. Setas mais complexas, como rotações e curvas, não foram abordadas, com o intuito de simplificar o aprendizado e encorajar os alunos a perceberem que a escrita de sinais pode ser acessível. Além disso, foi necessário introduzir o conceito de arranjo de mãos para diferenciar a mão direita da esquerda na escrita.

AULA 4 - REVISÃO E INTRODUÇÃO À DINÂMICA DE CONTATO

A quarta aula revisou os conceitos anteriores e introduziu a dinâmica de contato, abrangendo ações como tocar, bater, esfregar, escovar e pegar, fundamentais para a compreensão da interação tátil na comunicação por sinais.

AULA 5 - PRÁTICA COM SIGNPUDDLE

A quinta aula focou na prática das dinâmicas de contato do grupo 1 e no uso do site SignPuddle, incentivando os alunos a pesquisar e copiar sinais, reforçando o aprendizado através da repetição.

AULA 6 - SEGUNDO GRUPO DE CONTATO E USO DO SIGNPUDDLE

Na sexta aula, foi apresentado o segundo grupo de contato, incluindo movimentos como flexão curta e longa dos dedos, e os alunos foram encorajados a registrar sinais no SignPuddle, aplicando o conhecimento adquirido.

AULA 7 - LEITURA DA HISTÓRIA “DINOSSAURO E A FORMIGA”

A sétima aula foi um marco, onde os alunos leram a história “Dinossauro e a Formiga”, traduzida por Miguel Castro e Sirlene Leal, proporcionando aos alunos surdos a experiência de ler uma história inteira em Libras.

AULA 8 - REVISÃO E DITADO

A oitava aula consistiu em um ditado de sinais, reforçando a confiança dos alunos na leitura e escrita pelo sistema SignWriting.

AULA 9 - MOVIMENTO DOS DEDOS

A nona aula focou na revisão e prática da dinâmica de movimento dos dedos, esclarecendo confusões e reforçando o entendimento dos alunos sobre os diferentes grafemas.

AULA 10 - SEQUÊNCIA DE MOVIMENTO DOS DEDOS

A décima aula apresentou novos grafemas e praticou a leitura de frases, incluindo a identificação de sinais escritos incorretamente.

AULA 11 - GRAFEMA “ENTRE”

A décima primeira aula introduziu o grafema “entre” e ensinou como pesquisar símbolos no SignPuddle, permitindo que os alunos revisassem o conteúdo das aulas em casa.

AULA 12 - REVISÃO GERAL E PRÁTICA

A décima segunda aula revisou todos os movimentos dos dedos aprendidos, com práticas de ditado e memorização de sinais escritos.

AULA 13 - RITMOS E PRESSÃO

A décima terceira aula apresentou grafemas que representam ritmos e pressão, destacando a capacidade do SignWriting de registrar nuances da prosódia.

AULA 14 - MARCADORES NÃO MANUAIS BÁSICOS

A décima quarta aula introduziu marcadores não manuais básicos, como olhos, bochechas e boca, e explicou seu uso em pontos de articulação e expressões faciais e corporais.

AULA 15 - LEITURA EM CONJUNTO

A décima quinta aula foi dedicada à leitura em conjunto de livros, com cada aluno lendo uma frase inteira, promovendo a identificação e correção de erros ortográficos.

AULA 16 - MARCADORES NÃO MANUAIS AVANÇADOS

A décima sexta aula avançou para marcadores não manuais mais específicos e revisou conceitos de morfologia, como o “morfema de boca”.

AULA 17 - LEITURA EM CONJUNTO

A décima sétima aula continuou a prática de leitura em conjunto, semelhante à aula 15.

AULA 18 - PRÁTICA LIVRE DE ESCRITA

A décima oitava aula encorajou a escrita livre, resultando em um aluno surdo expressando seu planejamento de carreira em Libras, um momento significativo de autonomia linguística.

AULA 19 - TRADUÇÃO DA PROVA

Na aula dezenove, os alunos, já familiarizados com o livro “11 Lendas Amazônicas e um segredo”, participaram de um sorteio para dividir as histórias entre si. Cada aluno foi incumbido de reescrever a história sorteada, ajustando-a à ortografia e gramática corretas da Libras. A aula prosseguiu com exemplos práticos para orientar os alunos nesse processo de tradução.

AULA 20 - REVISÃO E CORREÇÃO DAS HISTÓRIAS

Durante a vigésima aula, os alunos prosseguiram com a reescrita das histórias. Surgiram dúvidas sobre as regras ortográficas e as possibilidades de recriação do texto. Foi permitido aos alunos alterar as histórias, inclusive mudando personagens ou criando finais alternativos, e o tempo foi dedicado a reescrever e esclarecer dúvidas sobre a escrita de sinais.

AULA 21 – PROVA FINAL – APRESENTAÇÃO E LEITURA

A vigésima primeira aula marcou o dia da prova final. Os alunos foram surpreendidos com o anúncio de que fariam a leitura das histórias reescritas por seus colegas, exigindo uma leitura real do que foi escrito em SignWriting, e não apenas a reprodução do que haviam praticado. Após superarem o choque inicial, os alunos apresentaram as histórias reescritas, culminando no encerramento da turma.

NÍVEL DE APROVEITAMENTO:

Ao final do curso, a avaliação do progresso dos alunos revelou que houve uma assimilação mais efetiva do conteúdo ministrado da primeira à nona aula. No entanto, observou-se uma retenção significativamente menor do material apresentado a partir da décima aula.

Curiosamente, o aluno surdo estrangeiro participou apenas até a décima aula, após a qual não compareceu mais, deixando a continuidade do aprendizado para os dois surdos brasileiros restantes. Isso levou à percepção de que os temas abordados nas aulas subsequentes à décima foram introduzidos prematuramente, e que cada assunto necessitaria de mais tempo de exploração do que o permitido pelo cronograma apertado do curso.

Apesar dos esforços para revisar e praticar o conteúdo extensivamente, o tempo disponível não foi suficiente para garantir que todos os alunos alcançassem uma liberdade completa na escrita.

Dos seis alunos que completaram o curso, apenas metade atingiu um nível de escrita e leitura intermediário a avançado, enquanto os outros três permaneceram com um entendimento básico da escrita de sinais, semelhante aos alunos de universidade pública que cursaram a disciplina Escrita de Sinais.

GALUCH e SFORNI, explicam que “[...] aprender a escrever não se restringe à compreensão do sistema da escrita, uma vez que envolve também o domínio de aspectos discursivos e uma prática que privilegia a função social da escrita”. Assim, a leitura e a escrita não podem ser reduzidas a um processo de codificação e decodificação simplesmente.

A escola é uma porta de entrada para esse desenvolvimento enquanto o sistema de escrita usado apenas uma ferramenta, mas o trabalho nas outras esferas é muito mais desafiador. Mas o momento atual nos convida a resistir e não desistir. Essa reflexão interfere diretamente nas decisões da instituição.

QUARTA TURMA – 2022

No primeiro semestre de 2022, o Instituto Tertúlias de Libras organizou a quarta edição do curso de Escrita de Sinais utilizando o Método Sutton, conhecido como SignWriting. No ano anterior, durante o curso da turma de 2021, a apostila do programa de “Aquisição de Fluência em Libras” foi revisada. Na nova edição, as palavras do português usavam para ser ensinado os sinais, na apostila agora foram acompanhados por suas representações no sistema SignWriting.

A presença de material didático completamente bilíngue, disponível em ambas as línguas, atraiu a atenção de muitos estudantes e facilitou o trabalho do departamento de Marketing na promoção da nova turma, resultando na inscrição de 16 alunos em apenas 20 dias.

É crucial reconhecer que a inclusão de sinais escritos na apostila inicial não tinha como intuito ser uma tática de marketing para impulsionar o interesse pelo curso de SignWriting. O propósito principal da atualização do material, incluindo a escrita, era servir como um recurso didático, especialmente para os professores surdos que frequentemente debatiam sobre quais variações linguísticas de um sinal específico deveriam ser ensinadas. A presença de sinais escritos, juntamente com o domínio intermediário dos professores sobre o sistema Sutton, contribuía para a padronização do ensino da instituição.

Além disso, para os alunos ouvintes, os sinais escritos ajudavam na memorização dos sinais aprendidos em sala de aula. Mesmo sem conhecer as regras do sistema Sutton, a natureza icônica da escrita permitia que muitos estudantes se lembrassem de como executar os sinais apenas observando sua representação escrita. Ademais, ter o material disponível em duas línguas possibilitava que os alunos iniciantes questionassem sobre a alfabetização e o letramento dos surdos, permitindo que os professores, ao explicarem o processo de aquisição da linguagem, destacassem as vantagens da escrita de sinais, promovendo assim o sistema Sutton na comunidade.

O departamento de marketing simplesmente capitalizou o interesse dos alunos nesse assunto para incorporá-lo às estratégias de divulgação do curso.

O departamento da Secretaria não enfrentou grandes dificuldades, já que toda a estrutura de matrícula estava previamente cadastrada no sistema escolar, necessitando apenas de pequenos ajustes. Por outro lado, o setor pedagógico teve que implementar mudanças significativas para acomodar a nova turma.

A principal inovação foi a introdução de uma apostila específica para o curso. Não era suficiente utilizar a mesma apostila do curso de Aquisição de Fluência, que já continha os sinais escritos, pois era necessário um material que acompanhasse as aulas, detalhando didaticamente o passo a passo e as regras do sistema Sutton. Diante dessa demanda, uma versão preliminar da apostila foi desenvolvida em 15 dias.

A apostila apresentava as regras básicas do sistema Sutton de forma resumida e adaptada, privilegiando imagens em detrimento de texto. Isso foi considerado levando em conta que os alunos surdos poderiam não se sentir contemplados por uma apostila teórica repleta de textos complexos em português.

Além disso, havia a possibilidade de haver alunos não alfabetizados em português, o que reforçava a preferência por mais imagens e menos texto.

Assim, a primeira parte da apostila era composta por recursos visuais que ilustravam as regras básicas do sistema, enquanto a segunda parte, organizada por categorias em um formato de Sinalário, apresentava sinais escritos que eram referenciados durante as aulas para exemplificar cada regra de escrita.

Além da apostila, o cronograma de aulas foi alterado na esperança de alcançar resultados superiores aos das turmas anteriores. Apesar da consciência de que 20 aulas de 3 horas cada, totalizando 60 horas, são insuficientes para que o aluno se forme com plena capacidade de leitura e escrita direta em Libras.

Dentro da composição da turma, dos 16 inscritos, identificou-se que 5 eram indivíduos surdos. No entanto, com o início do curso, apenas 3 mantiveram a frequência.

O perfil etnográfico desses alunos revela uma diversidade de gênero e faixa etária: duas mulheres e um homem, com idades variando de 22 a 46 anos. Dois dos alunos estavam abaixo dos 30 anos, enquanto uma ultrapassava os 40.

Em termos de formação acadêmica, dois estavam cursando Letras-Libras em uma instituição privada e uma terceira possuía graduação em Design de Produto.

A motivação para a participação no curso, conforme relatado por dois alunos, originou-se da descoberta de um componente curricular teórico sobre Escrita de Sinais na universidade, despertando o interesse pelo aprofundamento prático no assunto.

Adicionalmente, existia a aspiração de ocupar uma futura posição docente no Instituto Tertúlias de Libras. Por outro lado, a terceira aluna surda expressou o desejo de desenvolver uma metodologia pessoal para a escrita direta de sinais em Libras, sendo incentivada pela divulgação do curso que enfatizava os benefícios da escrita de sinais.

BOCK (2008) considera essa investigação da motivação como favorecer uma aprendizagem significativa, partindo dos interesses dos educandos criados pelo ambiente e, que os motivam a satisfazer suas necessidades de aprendizagem, ou criando condições que favoreçam o despertar deste interesse. E que as necessidades de adultos que regressam para a escola são distintas. Portanto devem ser observadas ao se reinserir novamente em um espaço escolar.

As aulas foram estruturadas da seguinte forma:

AULA 1 - HISTÓRIA DA ESCRITA NO MUNDO: L.O E L.S

A primeira aula do curso mergulhou na história da escrita, oferecendo aos alunos uma visão abrangente da evolução dos sistemas de escrita e sua importância nas sociedades ao longo do tempo. A discussão incluiu a diversidade de sistemas de escrita utilizados globalmente, tanto por ouvintes quanto por surdos, desafiando a ideia de que o alfabeto romano latino é o único meio eficaz de registro para línguas orais e de sinais. Esta aula visou expandir a compreensão dos alunos, especialmente dos surdos, sobre as diversas opções de sistemas de escrita que existem.

AULA 2 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS + DATILOLOGIA

Continuando com a estrutura do ano anterior, os alunos foram introduzidos ao sistema Sutton SignWriting, com ênfase na lógica de registro das configurações de mãos. As orientações básicas, como “S”, “O” e “ESPALMADO”, foram apresentadas como os ‘vogais’ do sistema, formando a fundação para outras configurações. A aula se tornou prática com a demonstração de todas as letras do Alfabeto Manual da Libras, detalhando cada uma delas no quadro.

AULA 3 - MOSTRAR C.M, ORIENTAÇÃO DE PALMA E PLANO CHÃO/PAREDE

Dividida em três segmentos, esta aula começou com uma revisão das configurações de mãos, seguida por uma explanação sobre a representação da orientação da palma na escrita. O terceiro segmento diferenciou os conceitos de Plano Chão e Plano Parede, elementos cruciais para a compreensão espacial da escrita dos sinais.

AULA 4 - MOSTRAR USO DAS SETAS

Os alunos foram introduzidos à escrita de setas, focando nas formas mais elementares: verticais, horizontais, internas, externas e diagonais simples. A intenção era simplificar o aprendizado e mostrar que a escrita de sinais é acessível, deixando as setas mais complexas para um estágio posterior.

AULA 5 - GRUPO DE CONTATO SIMPLES

Esta aula introduziu a dinâmica de contato, abordando ações como tocar, bater, esfregar, escovar e pegar. Essas ações são essenciais para entender a interação entre as mãos na execução dos sinais.

AULA 6 - PRÁTICA ESCRITA E LEITURA GRUPO DE CONTATO SIMPLES

Com base no sinalário da apostila, os alunos identificaram sinais que incorporavam o grupo de contato simples e criaram frases simples no quadro. O objetivo era mostrar que, mesmo com um conhecimento básico, eles já eram capazes de reconhecer sinais e ler textos simples.

AULA 7 - GRUPO DE CONTATO E DINÂMICA 2

Apresentou-se o segundo grupo de contato, que inclui movimentos como flexões curtas e longas dos dedos. Diferentemente dos anos anteriores, vários exemplos foram demonstrados no quadro, e os alunos foram incentivados a identificar sinais correspondentes no sinalário e transcrevê-los.

AULA 8 - PRÁTICA ESCRITA E LEITURA GRUPO DE CONTATO 2

O foco desta aula foi a prática de escrita e leitura de sinais que utilizam o segundo grupo de contato. Frases curtas foram escritas no quadro, e cada aluno teve que lê-las e explicar cada sinal individualmente.

AULA 9 - DINÂMICA DE MOVIMENTO E PONTO DE ARTICULAÇÃO

Os alunos aprenderam a representar sinais com movimento (setas complexas) e diferentes pontos de articulação na escrita, expandindo ainda mais seu repertório de sinais escritos.

AULA 10 - PRÁTICA DITADO ESCRITA E LEITURA

Dedicada inteiramente à prática de ditado, os alunos transcreveram frases curtas sinalizadas pelo professor. Após uma série de frases, a versão correta foi revelada para correção, e os alunos com maior número de parâmetros corretos foram reconhecidos.

AULA 11 – GRAFEMA PEGAR + E GRAFEMA “ENTRE”

Os grafemas “PEGAR” e “ENTRE” foram introduzidos com vários exemplos do sinalário. Os alunos foram encorajados a pensar em outros sinais que poderiam incluir esses grafemas.

AULA 12 - MOVIMENTO INTERNOS DOS DEDOS

Esta aula focou no grafema de movimento interno dos dedos, usado, por exemplo, no sinal de “cortar”. Os alunos exploraram o sinalário para encontrar sinais que incorporassem esse grafema e discutiram o raciocínio por trás de sua representação escrita.

AULA 13 - TIPOS DE DINAMICA MOVIMENTO (RAPIDO, DEVAGAR, FREIO) + PRIMEIRO GRUPO ROSTO (MOVIMENTO CABEÇA)

Os alunos foram apresentados aos grafemas que indicam ritmo na escrita SignWriting e revisaram lições anteriores. A aula concluiu com a introdução de como escrever o primeiro grupo de expressões faciais, focando nos movimentos da cabeça.

AULA 14 - EXPRESSÕES FACIAIS (OLHO, BOCHECHA E BOCA)

Os grafemas representando as principais expressões faciais foram apresentados, com ênfase nos olhos, bochechas e boca, elementos fundamentais para a expressividade dos sinais.

AULA 15 - TERCEIRO GRUPO EXPRESSÃO FACIAL (ESPECÍFICO)

Os alunos aprenderam sobre grafemas faciais mais específicos, que, embora menos utilizados, são importantes para um conhecimento completo do sistema.

AULA 16 - MOVIMENTO DO OMBRO E TRONCO

Os grafemas que representam movimentos do ombro e do tronco foram introduzidos, ampliando a capacidade dos alunos de descrever sinais que envolvem o corpo inteiro.

AULA 17 - LEITURA DE LIVRO DA PROVA JUNTOS

O livro “11 Lendas Amazônicas e um segredo” foi utilizado como base para a prova final. A turma foi dividida em dois grupos para a apresentação da prova nas aulas 19 e 20. Nesta aula, a primeira história foi lida em conjunto, e o professor orientou os alunos na correção ortográfica e gramatical, já explicando o que eles precisam fazer na prova.

AULA 18 - ESCRITA CURSIVA + REGRAS ORTOGRÁFICAS

A escrita cursiva e simplificada foi apresentada, demonstrando como é possível escrever de forma compacta e ágil. Textos de surdos que utilizaram essas formas de escrita para criar poemas, traduções e histórias foram usados como exemplos.

AULA 19 - PROVA 1 GRUPO

O primeiro grupo apresentou suas histórias reescritas e revisadas, trocando-as entre si para que cada um pudesse ler a história de um colega.

AULA 20 - PROVA 2 GRUPO

O segundo grupo entregou suas histórias reescritas e revisadas, realizando a apresentação da leitura da história de um colega.

Ao término do curso não houve confraternização de encerramento de ciclo, fato raro na instituição.

NÍVEL DE APROVEITAMENTO:

Ao final do curso, constatou-se que o desempenho geral dos discentes superou o dos anos precedentes, fato atribuído à implementação de material didático inovador, à constante repetição de exemplos em sala de aula referentes a cada conjunto de grafemas e à presença do canal “Sinais Diários de Libras”, conduzido pelo professor Carlos Cristian, que estimulava os estudantes a interagirem diariamente com a língua de sinais escrita. No entanto, ao término, os educandos ainda não haviam alcançado a autonomia plena na escrita e leitura direta em Libras.

Dos dezesseis inscritos, somente oito perseveraram até a conclusão do curso. Dentre estes, evidenciou-se que apenas quatro iniciaram a aplicação prática da escrita de sinais em diferentes esferas da vida cotidiana, seja para anotações pessoais ou para o registro de novos sinais adquiridos.

Um dos desafios mais significativos enfrentados por este grupo foi a diversidade linguística e os distintos níveis de proficiência em Libras dos três alunos surdos.

Os estudos etnográficos de SILVA (2023) nos apresentam diferentes socioletos da Libras, pois cada grupo de surdos utilizam-se de diferentes formas de sinalizar mediante o seu contexto de vida, tal como se é uma surdez adquirida ou de nascença, se aprendeu primeiro o português ou a Libras e outros fatores sociais que interferem diretamente na forma de sinalizar e de entender as sinalizações.

Com isso, em cada aula, para que os conceitos fossem elucidados, era necessário repetir ao menos duas vezes para assegurar a compreensão de todos. Inicialmente, utilizava-se o socioleto Libras de fronteira, adotado por ouvintes em processo de aprendizado da língua, seguido pelo socioleto Libras Natural, empregada em contextos mais formais e prevalente entre surdos nativos.

Conclui-se, portanto, que a alfabetização e o letramento em Libras, utilizando o sistema de escrita Sutton, SignWriting, são inviáveis em um interstício de apenas vinte aulas. Contudo, o programa em questão demonstrou ser eficaz na promoção e disseminação do sistema SignWriting, além de contribuir significativamente para o fortalecimento das reivindicações por políticas linguísticas em favor da comunidade surda.

DE BELO HORIZONTE PARA O MUNDO

Durante a reunião de planejamento dos objetivos para o ano de 2023, surgiu a proposta de criação de uma nova turma para o curso de Escrita de Sinais. Contudo, o foco principal da instituição estava voltado para a expansão das turmas dos cursos de Aquisição de Fluência (presencial) e de Tradução e Interpretação (modalidade online). Em meio a essas discussões, emergiu uma alternativa inovadora: a oferta do curso de Escrita de Sinais também de forma online.

Desde a formação da primeira turma na instituição, a divulgação realizada nas redes sociais, que incluía fotos, vídeos e depoimentos de alunos praticando a escrita, despertou o interesse de um grupo significativo de pessoas. Esse interesse se intensificou, sobretudo após a inclusão da versão escrita dos sinais nos vídeos diários do canal do YouTube “Sinais Diários de Libras”, atraindo indivíduos de outras cidades e estados que manifestaram o desejo de participar do curso à distância.

A instituição recebeu inúmeros convites para ministrar palestras, oficinas e workshops em diversas localidades, com o intuito de disseminar o conhecimento sobre a escrita de sinais. No entanto, um desafio se impôs: como seria possível ensinar a Escrita de Sinais de maneira eficaz em eventos tão breves, considerando que nem mesmo um curso de 60 horas havia sido suficiente para tal empreitada? Assim, nesses eventos, optou-se por limitar o escopo à apresentação dos diferentes sistemas de escrita para línguas de sinais, à história do sistema Sutton (SignWriting) e à discussão sobre a premente necessidade dos surdos de escreverem diretamente em suas línguas de sinais, bem como os benefícios advindos do aprendizado da escrita de sinais.

Essas iniciativas contribuíram para a difusão do conhecimento sobre a escrita de sinais, mas não se traduziram em uma solução prática para a mudança social urgente que se faz necessária no contexto educacional dos surdos. Diante disso, decidiu-se pela realização do curso completo na modalidade online, com um número ampliado de aulas e uma abordagem o mais detalhista possível na explicação de cada grafema.

O primeiro desafio enfrentado foi a decisão entre oferecer o curso de forma paga ou gratuita. A análise conjunta dos setores financeiro e de marketing da escola indicou que a gratuidade poderia impactar negativamente a receita da instituição, considerando os recursos tecnológicos empregados, como internet e energia elétrica. Nas turmas anteriores, a política interna isentava os alunos surdos do pagamento, enquanto os alunos ouvintes contribuíam com uma mensalidade que variava entre 80 a 100 Reais.

Contudo, o gestor da escola, Professor Carlos Cristian, decidiu adotar uma abordagem inclusiva, transformando o curso em um projeto social e oferecendo-o de maneira totalmente gratuita. Tal decisão baseou-se na compreensão de que a cobrança de uma taxa representaria mais uma barreira para o acesso, retardando ainda mais o processo de letramento e alfabetização dos surdos em

sua língua materna e, conseqüentemente, a redução do analfabetismo nesse segmento da população.

Com a urgência de capacitar um grande número de profissionais, estabeleceu-se que o curso seria 100% online e gratuito, disponibilizado abertamente na plataforma do YouTube, sem a necessidade de inscrição prévia. Os interessados poderiam assistir às aulas ao vivo e, posteriormente, acessar as gravações organizadas em playlists no próprio Youtube.

Para cobrir os custos operacionais, como energia elétrica e internet, bem como o tempo dedicado ao projeto, optou-se por abrir a possibilidade de doações voluntárias, sem que estas fossem um requisito para a participação no curso. Com essa estratégia, o primeiro problema foi solucionado.

O segundo desafio consistiu no estabelecimento de um cronograma de aulas e na definição da metodologia de ensino. Uma pesquisa sobre o perfil da demanda reprimida revelou que 95% dos interessados eram ouvintes e, entre estes, muitos estavam em estágio inicial do aprendizado da Libras. Assim, decidiu-se que as aulas seriam ministradas, inicialmente, em língua portuguesa, com interpretação simultânea para a Libras realizada por ex-alunos do curso de Tradução e Interpretação que se voluntariaram para o projeto. A expectativa é de que, no futuro, as aulas sejam regravadas diretamente em Libras, eliminando as interferências da interpretação e tornando o conteúdo acessível a todos os surdos.

Quanto ao cronograma, considerando a experiência das turmas anteriores, percebeu-se a necessidade de aulas mais detalhadas, abordando cada grafema individualmente. O plano inicial prevê que, a cada conjunto de dez aulas, um parâmetro específico seja trabalhado na primeira fase, seguido por uma segunda fase focada no treino conjunto de leitura e escrita.

Para a realização do curso, optou-se pelo uso do site SignPuddle como ferramenta principal para escrever, pesquisar e editar sinais. O cronograma inicial foi meticulosamente estabelecido para abranger todos os aspectos da escrita de sinais, conforme descrito a seguir:

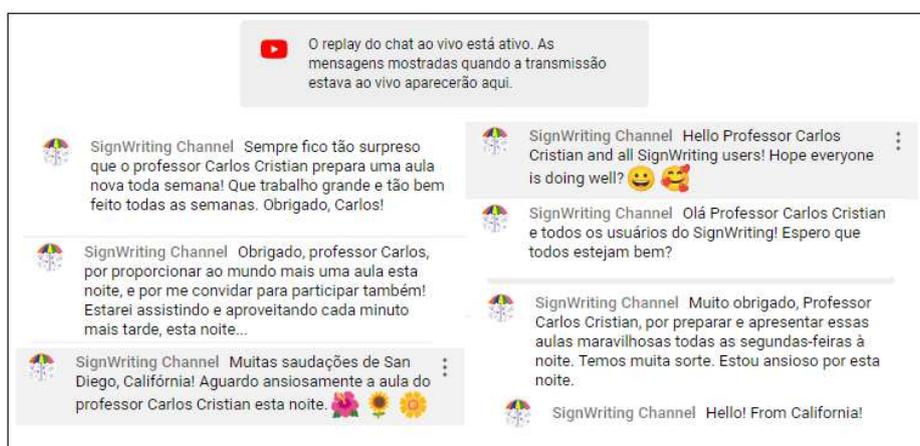
- **Da Aula 1 até Aula 10:** Exploração de todas as configurações de mãos listadas no SignPuddle, dedicando-se a um grupo específico por aula.
- **Da Aula 11 até Aula 20:** Estudo de todos os grafemas de contato, também divididos em grupos, com um grupo sendo abordado por aula.
- **Da Aula 21 até Aula 30:** Análise de todos os grafemas de seta, que representam os movimentos, seguindo a mesma estrutura de um grupo por aula.
- **Da Aula 31 até Aula 40:** Avaliação de todos os grafemas de rosto, incluindo pontos de articulação e expressões faciais.

A partir da **Aula 41**, o curso passaria a focar na leitura conjunta de livros disponibilizados gratuitamente no site signwriting.org, bem como na comunidade de escritores e tradutores ativos em redes sociais como WhatsApp, Facebook e YouTube. Esta etapa do curso visa consolidar um material didático completo,

abrangendo todos os elementos da escrita de sinais. O objetivo é capacitar estudantes de Libras, tradutores, intérpretes e professores de Libras, para que, em um segundo momento, sejam formados grupos voltados a projetos específicos. Esses grupos teriam a missão de criar materiais adaptados e compor equipes de tradução escrita, disponíveis para traduzir livros didáticos, artigos e outros documentos de interesse público.

Declaro, eu, Professor Carlos Cristian, que meu principal interesse na oferta gratuita do curso é capacitar profissionais na escrita de sinais pelo método Sutton o mais rapidamente possível. Além disso, pretendo desenvolver um grupo dedicado à criação de atividades adaptadas para surdos, que serão utilizadas em escolas bilíngues e inclusivas, contribuindo assim para a grande mudança na educação dos surdos no Brasil e no mundo.

Uma revelação notável do curso foi a participação quase integral da criadora do sistema SignWriting, Valerie Sutton, nas sessões já documentadas até a data corrente. Desde a concepção do curso, a Sra. Sutton tem oferecido um suporte consistente, que se estende desde sua presença ativa nas aulas, colaboração no desenvolvimento de determinados roteiros, até a divulgação de todas as sessões em suas plataformas de mídia social e a promoção do curso na página principal do website internacional dedicado à Escrita de Sinais, signwriting.org. Expressamos nossa profunda gratidão por sua extraordinária benevolência.



PARA ACESSAR TODAS AS AULAS DO CURSO 100% ONLINE E 100% DE GRAÇA, VEJA ATRAVÉS DA PLAYLIST:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PL6ZnmURbSGfmdxpljiCC-R565v1Lf1vqc>

Antecipa-se que o curso disponibilizará um acervo superior a **100 AULAS**. Serão elaboradas aulas abrangendo a totalidade dos fundamentos que constituem a estrutura do sistema de escrita de sinais, com o propósito de fornecer às futuras gerações um registro documental e um relato histórico sob minha perspectiva e contexto social. Desta forma, espera-se que as vindouras gerações possam alcançar avanços ainda mais significativos do que os atualmente observados e feito com a nossa atuação capacidade de execução

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da educação de indivíduos surdos tem sido marcada por inúmeros desafios. Até o momento atual, não se registra na história um período de tranquilidade para esta comunidade.

Os surdos, metaforicamente, parecem refugiados em seu próprio país, lutando pela sobrevivência em vez de desfrutar plenamente da existência. Residem em uma nação onde a língua predominante não é a sua, sendo obrigados a se adaptar à língua majoritária, especialmente em sua forma escrita, para gerir assuntos de relevância.

A escola, idealmente um santuário de libertação, empoderamento e afirmação identitária, tem se convertido, nos últimos anos, no principal vetor de colonização linguística dos surdos, coagindo-os a assimilar comportamentos auditivos para serem aceitos. Parece que o sucesso na vida é condicionado à imitação dos ouvintes e à adoção de sua língua falada e escrita.

Reconhece-se que, em cada época, educadores e pesquisadores agem com as melhores intenções, dentro das limitações de seu entendimento. Contudo, como diz o adágio, “o inferno está cheio de boas intenções”, ressaltando que apenas a boa vontade não basta. É imperativo dispor de conhecimento e instrumentos adequados para moldar a sociedade de maneira equitativa.

Embora as políticas linguísticas tenham avançado substancialmente nos últimos tempos, e nós, surdos, educadores e pesquisadores do campo das línguas de sinais, tenhamos conquistado diversos espaços de luta e reivindicação, ainda há um longo caminho a percorrer.

Na posição que ocupo, acredito que a maior contribuição que posso oferecer à educação dos surdos é promover e ensinar a escrita de sinais, simultaneamente ao meu empenho na criação e adaptação de materiais didáticos.

Almejo que, um dia, haja mais surdos proficientes na leitura e escrita de suas línguas de sinais nativas do que surdos sem alfabetização. Este trabalho de ensino gratuito representa minha contribuição atual. Aspiro que, por meio deste esforço, muitos outros se mobilizem para promover uma transformação significativa na educação dos surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRUCIO, Fernando Luiz.** Gestão escolar e qualidade da Educação: Um estudo sobre dez escolas paulistas. Caderno de pesquisa. São Paulo. v.43, n 149, p. 508-531, Jul./Set. 2013.
- BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel.** Escrita de Sinais sem Mistérios. 2. ed. rev. atual. e ampl. Salvador, v.1: Libras Escrita, 2015.
- BOCK, A. M. B.** Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: editora Saraiva, 2008 372p.
- CRUZ, Cristiano Pimentel.** GRIAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA, PROCEDIMENTO DE CRIAÇÃO E CONTEXTO DE USO. Porto Nacional, TO, 2020.
- FREIRE, Paulo.** Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- GALUCH, M. T. B.; SFORNI, M. S. F.** Aprendizagem conceitual e apropriação da linguagem escrita: contribuições da teoria histórico-cultural. In: Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 20, n. 42, p. 111-124, jan./abr. 2009.
- GERLACH, V. S.; ELY, D.P.** Teaching and media: A systematic approach. 2nd ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall Incorporated, 1980.
- KOTLER, P.; KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I.** Marketing 4.0: Mudança do Tradicional para o Digital. Trad. Pedro Elói Duarte. Coimbra, Portugal: Conjuntura Actual Editora, 2017.
- LURIA, A. R.** O desenvolvimento da escrita na criança. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988, p.143-189.
- MENDES, Josenilson da Silva.** Tradução comentada da I Epístola de João para a Libras pelo sistema Sutton SignWriting. 2020.
- MORAIS, J. et al.** Literacy training and speech segmentation. In: BERTELSON, P. (ed.) The Onset of literacy. Cambridge (MA), MIT Press, 1987a.
- OLIVEIRA, Maria Aparecida de.** A Gestão do setor pedagógico em escolas públicas de educação básica: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- OVIEDO, Alejandro.** Vuelta a un hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: la mimographie de Bébian en el sistema de transcripción de Stokoe. In: Lenguaje, 2009. p. 293-313.

QUADROS, Ronice Müller de. Alfabetização e o ensino da língua de sinais. Textura - Revista de Educação, Ciências Humanas e Letras, n. 03. Canoas: ULBRA, 1999. p.53-61.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação a distância. ETD - Educação Temática Digital, 10(2), 169-185, 2009. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-71818>

QUADROS, Ronice Muller. Um capítulo da História do Signwriting. Página online SignWriting History, 1999.

SILVA, Carlos Cristian de Paulo. "Curso de Aquisição de Fluência em Libras: Instituto Tertúlias de Libras.1. Ed. do Autor, Belo Horizonte, MG: 2023.

SILVA, Ivonilce Brelaz da. Uma abordagem contemporânea do secretariado escolar na educação básica. Revista eletrônica de Pós Graduação, Marabá, v.1 n.1 p.1-10, jan./jun.2016.

STREET, B. Letramentos sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SOUZA, José Carlos de. A gestão Comercial em escolas privadas: um estudo de caso. Revista de Administração Educacional, São Paulo, v.12, n.2, p.25-40, abr./jun.2018.

ZESHAN, Ulrike. Towards a notion of 'word' in sign languages. In: DIXON, Ronald F.; AIKHENVALD, Alexandra Y. Word: A cross-linguistic typology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003a. Cap. 6. p. 153-179.